

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

CARLOS EDUARDO MARQUES MENDES



QUILOMBO CENTRO DOS VIOLAS - PERCURSOS, TERRITÓRIOS E
MEMÓRIAS: uma escrita ancestral em processo

São Luís
2025

CARLOS EDUARDO MARQUES MENDES

**QUILOMBO CENTRO DOS VIOLAS - PERCURSOS, TERRITÓRIOS E
MEMÓRIAS: uma escrita ancestral em processo**

Artigo Científico apresentado como trabalho de conclusão do
Curso de Licenciatura em Teatro pela Universidade Federal do
Maranhão.

Orientador: **Profº. Dr. Abimaelson Santos**

São Luís

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Marques Mendes, Carlos Eduardo.

QUILOMBO CENTRO DOS VIOLAS - PERCURSOS, TERRITÓRIOS E
MEMÓRIAS : uma escrita ancestral em processo / Carlos
Eduardo Marques Mendes. - 2025.
28 p.

Orientador(a): Abimaelson Santos.

Curso de Teatro, Universidade Federal do Maranhão, São
Luís, 2025.

1. Dramaturgia. 2. Quilombo. 3. Ancestralidade. 4.
Território. I. Santos, Abimaelson. II. Título.

QUILOMBO CENTRO DOS VIOLAS - PERCURSOS, TERRITÓRIOS E

MEMÓRIAS: uma escrita ancestral em processo

QUILOMBO CENTER OF VIOLA – ROUTES, TERRITORIES AND MEMORIES: an
ancestral writing in process

CARLOS EDUARDO MARQUES MENDES¹,

¹ Graduando de licenciatura em teatro (UFMA), técnico em Processos fotográficos (IFMA), integrante do Programa de Educação Tutorial – Comunidades Populares. Email: cseduardomarquess@gmail.com

RESUMO

O artigo investiga a construção da identidade quilombola a partir da oralidade, da dramaturgia e das memórias ancestrais. Percorro a partir da minha experiência pessoal e coletiva, na busca de compreender a importância do reconhecimento da minha identidade negra e quilombola, bem como as estratégias de resistência e preservação da memória coletiva da comunidade Centro dos Violas, em Santa Rita (MA). A pesquisa enfatiza a tradição oral como uma ferramenta essencial na manutenção da cultura e história do quilombo, destacando figuras centrais como minha bisavó Maria Viola e Dindinha Antônia, guardiãs das memórias do território. Além disso, o artigo aborda o processo de criação de uma dramaturgia quilombola baseada nas experiências do território, utilizando referências da escrivência de Conceição Evaristo e da afrocentricidade de Molefi Kete Asante. Neste processo, evidencio os dois filmes dirigidos por mim, os documentários "Ouro" e "A Nossa Festa Já Vai Começar", que funcionam como registros visuais e históricos da cultura quilombola, contribuindo para a valorização da identidade negra e da memória coletiva do nosso território. Por fim, o trabalho reafirma a importância da dramaturgia quilombola como um meio de preservar e transmitir as histórias quilombolas da minha comunidade, reforçando o papel da arte na luta política e na reafirmação da identidade afro-brasileira.

Palavras-chave: oralidade; memória ancestral; identidade quilombola; dramaturgia identitária; escrivência.

ABSTRACT

This article investigates the construction of quilombola identity based on orality, dramaturgy, and ancestral memories. I use my personal and collective experience to understand the importance of recognizing my black and quilombola identity, as well as the strategies of resistance and preservation of the collective memory of the Viola Center community in Santa Rita (MA). The research emphasizes oral tradition as an essential tool in maintaining the culture and history of the quilombo, highlighting central figures such as my great-grandmother Maria Viola and Dindinha Antônia, guardians of the territory's memories. In addition, the article addresses the process of creating an quilombola dramaturgy based on the experiences of the territory, using references from the writing of Conceição Evaristo and the Afrocentricity of Molefi Kete Asante. In this process, I highlight the two films I directed, the documentaries "Gold" and "Our Party Is About To Start", which function as visual and historical records of quilombola culture, contributing to the valorization of black identity and the collective memory

of our territory. Finally, the work reaffirms the importance of quilombola dramaturgy as a means of preserving and transmitting the quilombola stories of my community, reinforcing the role of art in the political struggle and in the reaffirmation of Afro-Brazilian identity.

Keywords: orality; ancestral memory; quilombola identity; identity dramaturgy; writing.

1 ABRINDO A MESA: MINHA GENTE VENHA VER, FESTA DE ENCANTARIA

Na seção a seguir, trataremos das trajetórias que me levaram até aqui.

1.1 Minha gente venha ver: um contar de palavras

Quando concluí o ensino médio muitos caminhos novos se abriram, neste processo tenho 2018 como um marco primordial na minha trajetória, foi o ano que adentrei a universidade e as minhas descobertas se afloraram. Foi na Universidade Federal do Maranhão, mais precisamente no curso de licenciatura em teatro, que na minha vida, houveram grandes mudanças e novos começos. Eu estava com 21 anos e nessa caminhada acadêmica, oportunizada pelas discussões potentes no âmbito educativo, a partir de trocas e diálogos com colegas, amigos, professores e professoras, pude tropeçar nas minhas primeiras descobertas. Cadu era preto.

De pele escura, sendo desafiado pelos dilemas deste mundo, jamais entendendo as lutas que me atravessavam, consegui aqui, compreender. Por isso penso neste momento de inserção na universidade, como princípio de uma nova caminhada, justamente por ter aqui, entendido quem eu realmente sou e as memórias que habitam o meu corpo.

Quanto a minha trajetória na escola, eu venho do ensino público, tanto a educação infantil, fundamental e médio, tendo pouquíssimas, para não dizer quase nenhuma, lembranças sobre discussões de negritude, raças, territorialidades, povos e comunidades no contexto escolar, o que com certeza interferiu no meu processo de autorreconhecimento e busca de minha identidade.

Me reconheci enquanto pessoa preta e não bastava apenas esse reconhecimento. Atravessado por um monte de informações, no discurso de raça, negritude e quilombamento, também entendi que eu era um jovem remanescente de quilombo. Por isso compreendi como foi importante a minha entrada na universidade, possibilitando acessos a conteúdos e discussões diversas sobre temáticas fundamentais. A partir de então, encontrei autores que se somaram dentro do meu processo de reconhecimento, como Conceição Evaristo, Ailton Krenak, Leda Maria Martins, Stefano Volp, Bianca Santana, entre outros, que me possibilitaram leituras e

contatos com pensamentos indispensáveis que foram abrindo portas de conhecimentos na minha caminhada.

Neste lugar de encontros e diálogos, tudo mudou, tendo em vista as conexões que na minha cabeça já vinham fazendo sentido. *Eu, Cadu Marques, sou preto e quilombola*. Esse *se reconhecer* chegou em mim com um possível impacto que não me estremeceu, mas me abraçou, me confortou, falo isso no sentido, de talvez não estar perdido no mundo, mas agora encontrado, entretanto, ciente de como esse reconhecimento também vem, já era, na verdade, cheio de preconceitos, lutas, dores, mas também afetos calorosos e acolhedores.

Tenho em mim, as memórias de quando fui entendendo e sentindo esse reconhecimento, como os caminhos das minhas leituras e indicações que poderiam me auxiliar, os brilhos em meus olhos ao enxergar o meu percurso como uma potente trajetória construída em cima das adversidades enfrentadas pelo racismo, as trocas e diálogos com meus amigos e amigas pretas, compreendendo nossas diversidades e conexões. Foi nas experiências, dentro e fora da Universidade, que fui reconstruindo essa trajetória, agora com uma identidade reconhecida, presente e viva.

Esse lugar que agora me sentia pertencente, me convocava a diversos pensamentos, uma vez que tinham informações chegando de vários espaços, elas me direcionavam para este pensar afro referenciado, onde eu tinha leituras de pretas e pretos, discussões, e nesse desenvolvimento fui compreendendo a importância de colocar no centro das ideias, as vivências, os valores, as culturas e tradições do meu povo quilombola. Assim sentindo esse pulsar vivo e presente que tomava conta da minha existência, entendendo os novos passos que estava dando, fui seguindo nessa afrocentricidade, que segundo Asante (2014, p. 5), é “[...] um agente transformador, através do qual as noções velhas se tornam novas, e produz uma transformação de atitudes, crenças, valores e comportamentos.”.

A partir de então, me tornei um jovem curioso quanto a todas as histórias da minha família, cada oportunidade que tinha, questionava e buscava essas informações que fossem me levar a conhecer cada vez mais sobre a família Viola. Tenho uma aproximação de elo muito forte com minha bisavó (Maria Viola), sempre ficávamos horas conversando, ela compartilhando da vida dela comigo, como suas vivências de juventude em seu território, histórias dela na luta da roça, as criações de porcos e tantas outras. Ouvia bastante atento, questionava, queria entender em detalhes, isso foi aguçando ainda mais a minha curiosidade e quando ela não sabia responder algo, eu pegava aquele contexto da conversa e levava para a minha tia junto com as questões que eu tinha dúvidas.

Minha tia, que se chama Valdilene, conhecida como Sula, na maioria das vezes têm lembranças ou informações de inúmeros acontecimentos que outras pessoas não têm, justamente por já ser engajada na luta política da comunidade e conhecer afincos nossa história, ela sempre consegue me explicar sobre os acontecimentos e memórias trazidas pela minha avó, sanando minhas dúvidas e questões. Tem sido assim, tia Sula é um dicionário de informações das histórias de Centro dos Violas, quilombo da cidade de Santa Rita, Maranhão.

A cultura negra constituída na diáspora, assim como a história africana, tem suas raízes na oralidade. Por isso, a tradição oral é importante para que se consiga penetrar a história e o espírito dos povos africanos, que de boca a ouvido transmitiram às futuras gerações conhecimentos de toda ordem. (SANTOS, SEIDEL, 2020, pág. 110)

Tendo essas informações que me apeteçam, ouvindo, descobrindo e conhecendo no decorrer dos dias mais da narrativa de vida do meu povo, fui sentindo o desejo de materializar essas histórias. É quando, em 2020, acontece o meu primeiro trabalho audiovisual: *ouro - uma produção árdua e desvalorizada*¹. Este filme experimental nasce da potência das nossas tradições, pude a infância toda viver a plantação na roça, a colheita e produção da farinha na casa do forno. Aqui então roteirizei, dirigi, filmei e montei esse experimento.

Neste filme, eu mostro um pouco do trabalho cotidiano de produção da farinha na nossa comunidade, como ele acontece a partir da colheita da mandioca, a vivência na casa do forno e a farinha torrada. Com este trabalho eu já iniciava este processo investigativo do meu território, rabiscando tecidos e costurando aos poucos aquilo que estava descobrindo, aqui também já iniciando meu desenvolvimento na escrita sobre o meu povo, pensando neste olhar sobre a nossa ancestralidade viva, as memórias, traçando linhas entre as possibilidades de valorização dos movimentos culturais dentro do território a partir da arte.

¹ Link do filme: <https://youtu.be/AM6Gc2vIyKU?si=2Z2X-ZrAbUg37krw>

Imagem 1 – Filme “OURO” de Cadu Marques



Fonte: o autor, 2020.

Após meu primeiro curta documentário, continuei na busca de mais informações, me tornando um conhecedor de parte da trajetória da minha família e do território quilombola que nos habita. Foi então que lancei ao mundo, o segundo trabalho audiovisual que me compõe, feito por muitas mãos. *A nossa festa já vai começar*² é um grito de existência e demarcação de espaço, pudemos levar ao mundo, mais uma vez, um trecho da história da comunidade quilombola Centro dos Violas, desta vez, protagonizada por uma das pessoas mais velhas do território, minha querida tia avó, Antônia Viola, mulher preta que tem o poder das palavras nas mãos.

Ela que viveu as lutas e conquistas da comunidade, pôde trazer à tona, informações que deixariam qualquer curioso em estado de felicidade. *Didinha* Antonia, como carinhosamente a chamamos, na simplicidade do seu falar, disparou memórias e vivências, que chegaram em mim como potência, evidenciando mais ainda a força do nosso povo.

Sempre atenta, Tia Antônia observa e memoriza por décadas a dança de gente, carros e máquinas cruzando a BR 135. Rodovia que liga o quilombo Centro dos Violas - lugar onde nascemos - ao quilombo Fé em Deus, ambos povoados de Santa Rita (MA). Migrações e encontros demarcam o contexto de formação

² Link do filme: <https://drive.google.com/file/d/14tezaYvNi0IcIQUyzY2yQknigPD3dSP-/view?usp=sharing>

das nossas comunidades, e é na festa onde tudo se cruza e se faz coletivo. Tambores anunciam um presente possível de permanência e sossego.³

Este filme, se tornou um marco na existência do nosso território e na minha trajetória pessoal e artística, foi porta de entrada para sermos presença em diversos cantos do estado e país. O filme foi exibido em mais de 20 festivais e mostras, recebendo em vários deles, premiações e reconhecimentos. Foi um documento importante, inclusive na nossa luta pela documentação da nossa terra, serviu como prova a partir das memórias trazidas na entrevista com Antônia Viola, minha tia avô. Esse material rico, guardado na memória e partilhado pela oralidade, me fez entender que esse caminho da investigação, das descobertas da história do meu povo, era também a conexão me puxava para as vibrações da minha ancestralidade.

Imagem 2 - Fotografias Still do filme “a nossa festa já vai começar”



Fonte: o autor, 2022.

Aqui, esses cruzamentos dos meus processos criativos junto desse lugar do autobiográfico, foi me levando a espaços inimagináveis, desde físicos à espirituais, onde pude ir tomando consciência do meu corpo, da minha pele, das escritas que fazem parte de mim. Trazer a sinopse do filme, é evidência como as imagens, a fotografia, o audiovisual, já estavam

³ Texto de sinopse do filme A Nossa Festa Já Vai Começar, construído coletivamente por Cadu Marques e Pablo Monteiro, de acordo com o processo de entrevista e discussão do filme, ambos integrantes da BICHO D'ÁGUA FILMES.

sendo costura nessa fase de reencontro, me possibilitando ir aos poucos escrevendo as palavras que mais tarde se transformariam em um projeto maior, cruzando todas essas linguagens.

1.2 Festa de Encantaria: linhas e versos do quilombo-território [eu sou os olhos dos meus ancestrais que um dia me deram a vida]

Quando penso na minha trajetória nesta vida⁴, a primeira questão que me vem à memória é o meu desejo e vontade de descobrir a minha história, de saber de onde eu venho, quem me antecede, de onde vieram e como chegaram no território que se chama Centro dos Violas, na cidade de Santa Rita, Maranhão, local de origem da minha família.

Entender os passos dos meus ancestrais, é reconhecer os meus passos que vem de longe. Afinal, ancestralidade remete à conexão com nossas raízes, à busca por compreender a história que nos antecede e que molda nossa identidade. Eu sigo essa busca, um desejo de descobrir a minha história, busca esta que transcende esses resgates de informações; ela é um processo narrativo, que vou costurando as memórias, reconstruindo e revivendo essa história que dá sentido à minha própria existência.

A ancestralidade na cultura afro-brasileira está intrinsecamente ligada à noção de tempo, como nos explica Kabengele Munanga (2008b).

“Esse é um dado da africanidade, essa questão da ancestralidade. Está em todas as sociedades africanas, em todas as culturas africanas. O que é um ancestral? O ancestral nada mais é que um criador. Pode ser um ancestral feminino ou masculino, dependendo da sociedade, se é uma sociedade matrilinear ou patrilinear. Quer dizer, o ancestral é aquele que tem o estatuto de fundador, fundador do clã, da linhagem, que foi uma personagem importante, que é a origem, a fundação, o fundador de tudo, da nação, uma pessoa cuja memória é simplesmente rememorada, retualizada em todos os, momentos.”.

Ancestralidade não é apenas um conceito estático de ligação com o passado, para além disso, se apresenta como uma prática dinâmica que envolve a narratividade, uma vez que narrar a história pessoal ou coletiva é um ato de recriação e ressignificação, nesse sentido, a

⁴ Utilizar “nesta vida”, é me referir a quem veio antes, aqueles e aquelas que me antecedem, e por aqui já viveram outras vidas por mim, eu sou mais um dando continuidade numa trajetória coletiva. Quer dizer, acredito na vida que veio antes daqui, mas também acredito na vida pós aqui.

ancestralidade é tanto um movimento de volta às origens quanto uma forma de construir novas perspectivas para o presente e o futuro.

A narratividade surge como ferramenta essencial no meu processo. Quando eu narro a trajetória da minha família, eu me sinto construindo uma ponte entre o pessoal e o coletivo. O espaço e os território, como Centro dos Violas, deixam de ser apenas geográficos e tornam-se simbólicos, carregados de memória e significados. Assim, o ato de contar histórias não apenas preserva o legado dos meus antepassados, mas também afirma a nossa identidade e a força da nossa coletividade.

Assim sendo, há em mim, essa vontade em saber como meus antecedentes viveram por aqui, como aconteceu essa estadia delas e deles neste tempo espaço. Fico curioso para enxergar, quando minha tia Sula, a filha caçula de minha bisavó, conta alguma história do processo de luta pelo território quilombola que habita nossa família. Falo enxergar, no sentido de fechar os olhos e conseguir visualizar as cenas da infância e adolescências de minha avó, mães, tias, o processo de produção da farinha na época, as mulheres quebrando coco juntas na roça, as lutas pelo direito à terra, o confronto com a polícia, com exército e todo o processo de enfrentamento que já vi sendo compartilhado também pela minha tia avó, Antônia Viola.

Acredito, portanto, que dessas imagens criadas no meu consciente a partir do contato com as histórias da comunidade, iniciei esse cuidado de escrever sobre essas visualidades, tanto textos livres, poemas, roteiros, quanto uma escrita dramatúrgica, na possibilidade de transformar toda essa narrativa em cena teatral, também como forma de levar e ser levado pelos embalos dessas redes de acontecimentos de outrora e tentar compreender com detalhes, como essa comunidade se constituiu e como essa história se formou.

A memória foi minha guia entre as descobertas, reconhecimentos e reconstruções até aqui e pensar memória foi estabelecer paralelos entre o individual e coletivo, querendo saber como essa conexão se funde em um processo pautado na descoberta de si. A memória não só alinha meus caminhos, como é um elemento fundamental na construção da identidade do meu povo, se torna esse fio condutor que entrelaça nossas histórias, experiências, culturas, valorizando os saberes dos nossos ancestrais, fortalecendo a nossa presença negra nesse chão.

Somos corações que pulsam,
Somos água corrente.
Somos crianças, avós, pais, resistentes.
Somos uma voz que juntas, jamais se calará.
Somos outra geração de um povo aqui presente.
Somos vidas, somos gente. (Marques, 2022, p. 14)

Nesses versos, já tracejo linhas que vão trazendo as conexões de meus pensamentos, das minhas escutas, experiências e de um olhar atento ao coletivo da nossa gente no território, esse lugar da ancestralidade e da nossa identidade se tornando cada vez mais forte e presente em mim.

A dramaturgia, a partir do ato de escrever, foi minha principal aliada nesse movimento de escavação e descoberta, porque foi a forma mais nítida que tive como possibilidade inicial de materializar o que era trazido para mim em oralidade. Aqui eu poderia escrever livremente apenas como maneira de registro, porém por ter as sequências imagéticas presentes em mim (por conta da fotografia e do audiovisual), assim que eu escutava qualquer história ou memória sobre a minha família, o nosso território, aproveitava para já ir anotando estas informações nesse processo da perspectiva dramaturgic, ia costurando esses materiais como quem borda um tecido com a expectativa da beleza no resultado, desenhando essas imagens com cuidado para serem experimentadas em sala de ensaio.

Para Peixoto (1983, p. 6):

[...] ninguém escreve teatro com base em receitas ou regras fixas. A dramaturgia é (ou deveria ser) um ato de criação. E o poder criativo, em sua própria essência, nega a submissão a quaisquer códigos ou padrões estabelecidos. É, na verdade, um ato de rebelião quase permanente.

Nesse olhar, de romper essa estrutura, eu tenho escrito e criado um texto dramaturgic que não segue regras preditas, mas comunica a história que busco contar. Penso que a contemporaneidade nos trouxe outros artifícios que ajudam na composição dramaturgic, além de auxiliar no contar da história em cena teatral.

No meu processo de escrita dramaturgic existe um cuidado minucioso de criação, afinal, escrever uma dramaturgia negra e quilombola é um outro olhar dentro do espaço tempo, quer seja no ato de escrever ou no de sentir e até mesmo no ato de ver/ouvir. Digo isso, não apenas por ser eu uma pessoa preta e quilombola, não que já não bastasse, mas também porque a escrita é dessa vivência direta, que coloca no centro de sua narrativa as memórias, a cultura e a estética quilombola, o texto leva esse chão, as personagens vêm deste espaço-território da memória ancestral carregada pelas experiências do nosso povo.

Assim sendo, externo nessa construção artística uma narrativa que é verdadeira na sua essência e no seu território, mesmo que eu ficcione acontecimentos, ainda assim, foi a partir do meu ouvir no quilombo que essa escrita tem sido gerida. A dramaturgia quilombola se torna, portanto, esse costurar com linha fina, que conectam as histórias que narram a resistência de Centro dos Violas, do meu território e das nossas diversas identidades.

Nas encruzadas dessa costura, mais indagações vão surgindo, são questões que têm me guiado nessa procura de informações e respostas, tenho me dedicado constantemente nos processos de entender e descobrir a minha história e a do meu povo. Comecei a perceber neste caminho, que me sinto responsável em mapear e documentar esse material, não só para saciar a minha sede de descobrir as minhas raízes, mas também compartilhar com as próximas gerações da nossa comunidade, criando assim um documento seguro e sólido, que esteja disponível e acessível a todas as pessoas do nosso território. Entendo esse movimento também como parte de uma luta política por espaços criados por nós e para nós, onde possamos protagonizar nossas histórias, compartilhar nossas vivências, experiências e compreendermos quem somos.

Eu sou os olhos do meus ancestrais que um dia me deram a vida. Quilombolas iguais a mim estiveram nesse chão em outro tempo e enxergar ao meu redor é entender que teve quem precisou limpar o terreiro, assentar a poeira no chão, plantar as mangueiras no quintal e preservar as nossas raízes e culturas, mantendo assim o cuidado com o centro, a nossa história, a memória, resguardando cada vez mais a nossa identidade, a escrita foi mais uma forma que encontrei para prosseguir nessa preservação, uma escrita atenta ao evidenciar nosso quilombo, identidade e negritude.

A escrita também me levou a enxergar as marcas do meu corpo como palavras soltas, que bem-vistas formam frases que narram as experiências que esse corpo-memória viveu. E não falo aqui apenas das marcas do meu, mas de quem veio antes de mim, sinto essas marcas acumuladas, esse lugar ancestral também vibra aqui, no corpo, na minha respiração, na minha garganta quando grita baixinho tentando se ouvir. Olhar o meu corpo e o vê-lo não apenas como matéria, é atentar-se ao que ele diz ao pulsar palavras escritas na pele, no sangue e na alma. Não apenas um corpo-memória, mas um corpo-memória preto e quilombola. Os rastros que ficam e se mostram, se escrevem e se pintam, são maiores e mais sensíveis.

No quilombo nos é ensinado sobre coletividade, e uma coletividade em sua total forma de acolher, talvez por isso existe uma sensibilidade em sentirmos uns aos outros, em uma linha que conecta o território em circularidade. No texto *A luta dos Quilombos: ontem, hoje e amanhã*, é evidenciado que: “[...] o quilombo é memória, é história, é o ser.” (Nascimento, 2021, p. 241). É esse cruzamento que demarca a nossa identidade, a partir dele guardamos memórias específicas capazes de contar uma outra história do Brasil. Ser quilombola, é ser um corpo forjado nos movimentos de resistência, em um país que nós, pretos e quilombolas, ajudamos levantar.

Quilombo somos nós. Somos parte do Brasil.
Esse Brasil democrático, revolucionário, que ajudamos a construir,
é assim que o queremos.
Contra todas as forças conservadoras. (Nascimento, 2021, p. 241).

O reconhecimento tardio enquanto corpo quilombola e preto, certamente é fruto do colonialismo, dos apagamentos do nosso povo e da tentativa contínua de nos colocar em lugares de desconforto, que nos impediram e impedem de percebermos e enxergarmos quem realmente somos, um racismo estrutural e enraizado que tem como principal propósito, nos excluir, nos exterminar.

Como aponta Assis (2022), se a escravidão é um sinônimo do atraso e se para justificá-la o escravizado fora considerado não humano, o racismo será o legado da escravidão que pautará de maneira integral as relações sociais estabelecidas após o fim da colonização, assim, sendo, seguimos sentindo as dores e buscando maneiras de destruir esse chicote que ainda nos fere, reescrevendo os caminhos e conduzindo nossa trajetória em coletivo.

Entre as descobertas, as escutas e os reconhecimentos, conheci aquela que se tornou minha principal referência. A partir da criação do termo *escrevivência*, Evaristo (2017) nos agracia com um processo e discurso pautados na escrita atrelado à vivência. Assim, mostrando a potência deste processo criativo, a partir daquilo que vivemos, experienciamos.

Desta forma, compreendo a *escrevivência* neste lugar de uma escrita também da potência de afetos que nos perpassa, aqui, sobretudo, atrelado à raça e território. Por isso esse encontro foi tão importante, porque se somou ao meu processo de escuta na comunidade, entendendo que este espaço também são minhas vivências – procedimento de grande valia para seguir tecendo essa *dramaturgia* identitária.

A *escrevivência* não só me faz concatenar a minha escrita, como traz outras possibilidades, tendo em vista pensar que a *dramaturgia* é um caminho de criação a partir daquilo que vivemos, ouvimos, sentimentos, imaginamos, como já tenho dito. Aqui só me trouxe outras formas de seguir costurando as histórias e memórias: “[...] foi meu primeiro experimento em construir um texto ficcional com (fundindo) escrita e vida, ou, melhor dizendo, escrita e vivência.” (Evaristo, 2017, p. 9). Assim, nessa com (fusão) dos cruzamentos, tem aquilo que é real em sua totalidade e o que é inventado a partir do que ouvi, fui concatenando as ideias e costurando as memórias.

Sigo um caminho cauteloso na minha criação *dramatúrgica*, uma vez que sei da relevância deste processo e resultado, logo, tenho feito escutas, observando com mais atenção o cotidiano no território, tenho feito fotos, vídeos e gravação de áudios, dessa forma tenho

organizado um material documental da comunidade, tendo feito eu processo dramatúrgico a partir de todos esses lugares, junto das vivências, de outras formas de pensar e viver que chegam até mim.

Outro procedimento que sou levado a partir da escrevivência, seria de poder costurar as vivências do meu povo, aquelas que me são contadas, como se fossem minhas vivências também, como se de fato eu as estivesse vivido, faço esse exercício como maneira de retornar a algum lugar que também me afeta, que também faz parte de mim, talvez aqui buscando uma forma não só de sentir mais perto, porém também poder levar esse sentir para a minha escrita com mais ternura.

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá (...) escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você. (Anzaldúa, 2000, p. 232).

Poder reescrever também é sobre a gente falar de nós mesmos, eu preto, eu quilombola, falando da minha raça, falando da minha territorialidade. Anzaldúa (2000) me leva por esse percurso, não apenas esse olhar que me contempla quanto a escrita ser minha forma de gritar minhas dores, minhas descobertas, minhas conexões, manter os meus caminhos alinhados, mas sobretudo da oportunidade de nós para nós, da gente falando para dentro, para fora e para o círculo, numa escrita das vivências no território que tem a circularidade em sua formação enquanto comunidade.

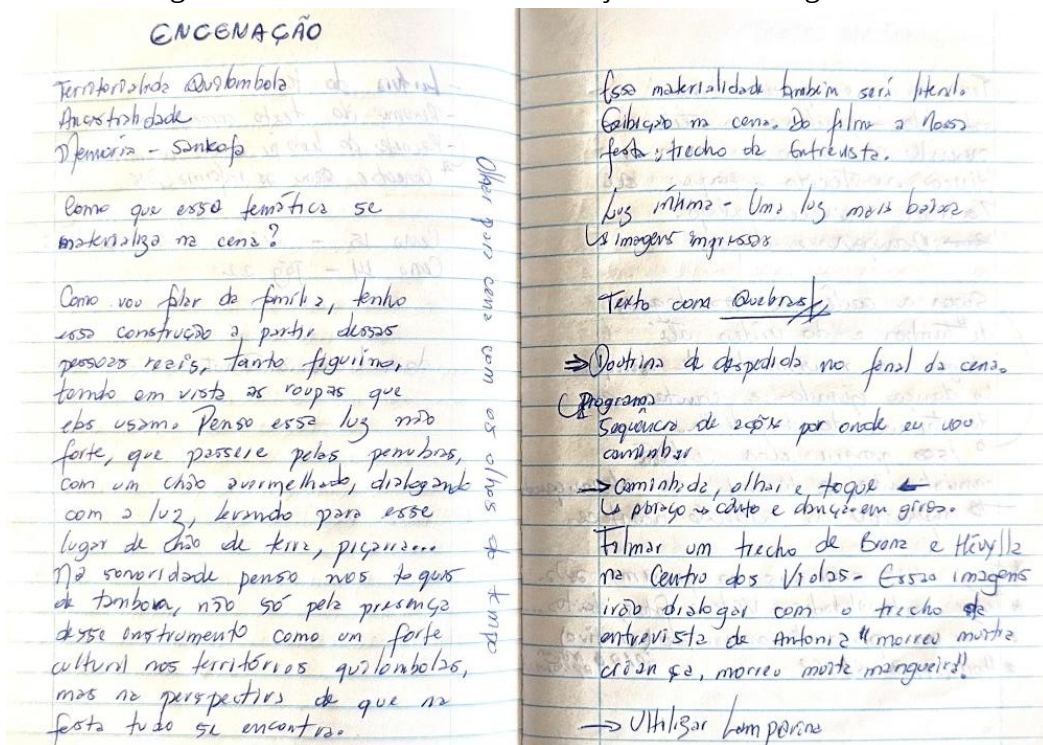
2 VOVÓ MARIA VIOLA E DIDINHA ANTONIA, VAMOS BAIÁ: TECENDO HISTÓRIAS E BORDANDO MEMÓRIAS

A escrita, desde que a conheci, sempre me pareceu um lugar confortável, talvez pela minha facilidade em organizar meus pensamentos com as palavras, pela questão em sempre tentar escrever gramaticalmente correto, mesmo em mensagens de textos nas redes sociais, pela minha vasta experiência em produção textual no ensino médio nas aulas de literatura, pelo meu desejo em contar a minha história ou talvez por todos esses pontos apresentados. A escrita sempre esteve aqui em mim, fui um rapaz que aprendi ler cedo, sai do jardim de infância já deslumbrado com a força de conseguir juntar letras, formar palavras e frases, isso podia ser comum na época, mas na minha escola e comunidade não.

No ensino fundamental eu gostava de visitar a biblioteca da escola para buscar livros que pudessem me fazer sonhar e ir para outros lugares, as minhas leituras sempre me traziam imagens nítidas e vivas. Foi nestes percursos que a escrita se tornou tão necessária e potente na minha existência.

Quando ouvia vovó Maria Viola, ficava imaginando, além das visualidades trazidas nas histórias, poder escrever na íntegra aquilo que era narrado por ela, mas me perdia nas informações, por serem tantas e eu não poder anotá-las de imediato, tentava escrever pontos principais no celular de maneira rápida, para não parecer estar fugindo daquele momento de tamanho carinho e atenção, mas as histórias narradas ficavam reverberando em mim, era quando geravam os questionamentos, dúvidas, criações e eu buscava escrever.

Imagem 3 - Rascunho sobre a encenação da dramaturgia Violas



Fonte: o autor, 2023.

Estes escritos estão formando materialidades que somado as experiências e memórias vivas destas mulheres, está sendo construído um texto dramatúrgico, chamado VIOLAS, onde duas atrizes, Maria e Antônia, contam suas histórias⁵.

⁵ Este processo em criação já foi apresentado na disciplina de encenação do curso de teatro, ministrada pela professora Nicole Machado (2023) e no Corpo, Voz e Território do Centro Cultural Vale Maranhão. Essas aberturas fazem parte dessas etapas de sua construção.

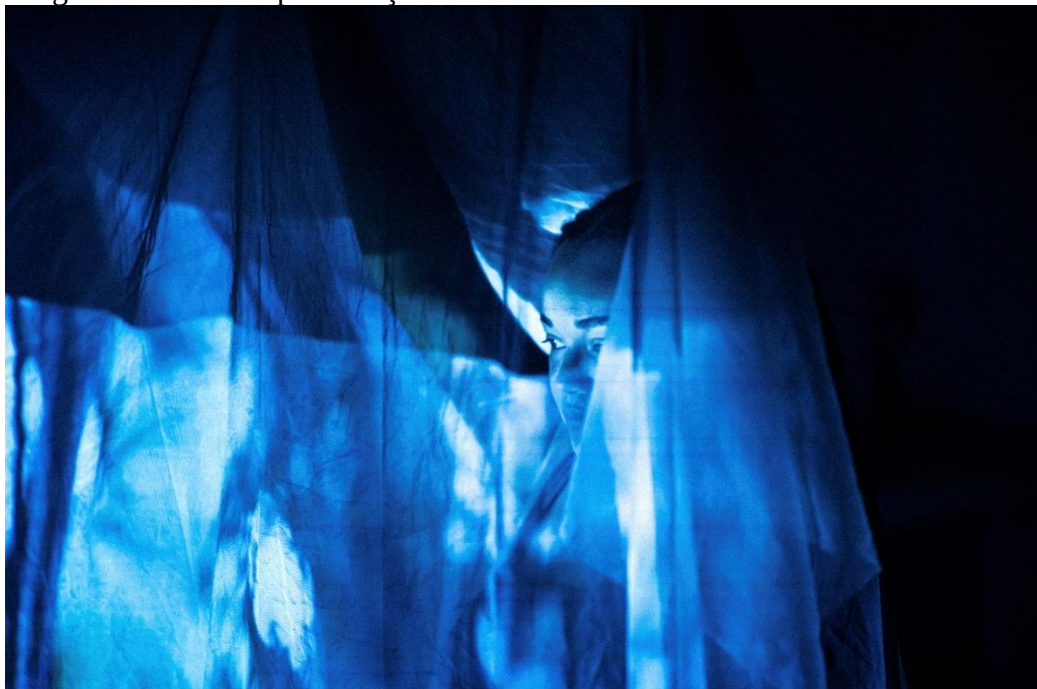
“Atriz um senta na cadeira. *Atriz dois* senta mais abaixo, no chão. *Atriz um* toca o rosto da *atriz dois* e elas começam a cantar a música *Atlântico Negro*, de Brena Maria. Em seguida, *atriz um* começa a fazer a trança na *atriz dois*. Existe uma leveza e cuidado nos movimentos (foco de luz nesta cena que acontece no meio do espaço de apresentação).

Atriz um: Maria e Antônia eram filhas de Helena, uma mulher alta, de quadril largo, cabelo crespo, olhar sereno e sorriso bonito. Ela era mais conhecida como *fonte pelada*, isso porque ela gostava de fazer umas tranças corridas bem organizadinhas no seu cabelo, com a frequência dessas tranças e o passar do tempo, no início da sua fonte foi ficando sem cabelo. Mas não tinha uma vez que não se via mamãe Helena e ela não estava com o cabelo trançado.

Atriz dois: Helena teve onze filhos, sendo destes apenas 3 mulheres. Em um dos seus partos, ela perdeu um, ele nasceu vivo, mas com menos de 08 dias, faleceu. Assim aconteceu com outras mulheres do território.

Finalizam a trança, em seguida levantam e estendem o lençol branco sobre seus corpos. Enquanto realizam essa ação, cantam novamente a música Atlântico Negro de Brena Maria. As vozes das atrizes vão ficando em tom baixo. Inicia-se a projeção de uma cena do filme “a nossa festa já vai começar”, de Cadu Marques...”

Imagem 4 - Foto da apresentação de “Violas” no Centro Cultural Vale Maranhão



Fonte: o autor, 2023.

Nesta dramaturgia, como podem perceber a partir de um recorte do texto em construção, serão trazidas as vozes de duas personagens a partir de suas individualidades e coletivo, contando histórias, lutas, dores, afetos e trazendo nomes que marcaram e marcam a existência do nosso povo e comunidade. Tenho reconstruído parte dessa trajetória e organizado no corpo deste texto de forma não linear, mas encaixando fotografia, vídeo, cartas, memórias contadas e vividas, além do sentir o território.

Juntar todos esses elementos numa narrativa que se inicia pela narração das próprias atrizes apresentando as protagonistas do espetáculo, passeando por histórias de Maria e Antônia no território, pelas perdas de seus filhos no parto, símbolo importante nesta dramaturgia e deixando evidente o impactava na vida de todos da comunidade. Trazendo também cenas que buscam investigar os conflitos com militares e outras autoridades pelas nossas terras, além de contar sobre os afetos entre o nosso povo, resgatando a importante imagem da mãe dessas duas personagens centrais, Helena de Castro, minha tataravó, quem não pude conhecer pessoalmente, mas a partir da escuta.

É pela oralidade que esse texto tem tomado forma e vida, é o prazer em conversar e se deliciar nas memórias narradas pelas vozes dessas mulheres, percebendo também a força delas nessa estrutura coletiva da comunidade, além, é claro, de sentir as afetividades que elas trazem no partilhar e no ser ouvida.

Vó Maria ficou tímida. Mas sorriu, mesmo não demonstrando. Completou 84 anos. Ficou Feliz. Cortou seu bolo. Se divertiu, ao seu modo. Vó Maria, que é Maria Viola, e é vó minha, me faz feliz. Vê-la é força que se espalha em mim. (Marques, 2021, p. 32).

Com este poema que compõe a estrutura narrativa do meu livro *A Memória Como Tradição e as Invenções de Uma Vida*, eu busco provocar a imaginação, sentindo a beleza dessa mulher, a cor da leveza do seu cuidado, a grandeza das palavras em sua boca e o olhar que gentilmente cumprimenta quem está à sua frente. Maria Viola me convoca a conhecer a vida em Centro dos Violas, me apresenta texturas de vivências que não tive acesso direto, me traz imagens que me transportam a outra dimensão, me faz reconhecer que eu sou a junção do nosso povo que veio antes de mim.

Imagem 5 - Vó Maria no quilombo Centro dos Violas, Santa Rita (MA)



Fonte: o autor, 2021.

Nesse processo de escavação dessas memórias, com o desafio de costurar as palavras para formar essa dramaturgia, tenho entendido a grandiosidade desse processo identitário, de uma escrita que parte da oralidade, um caminha da fala e da escuta de um povo preto, trazido de África em um trajeto de dor, processo cruel por um longo período – enxergo que essas marcas que antecede as minhas avós também estão nos corpos delas.

A oralidade tem responsabilidade nessas transferências de memórias, relatos, ritmos e movimentos culturais de nossos povos, é dessa forma que aquilo vivido a anos atrás também chega até mim anos depois, mesmo que não igual como repassado, é que os nossos mais velhos vão partilhando as informações como quem conta uma história para alguém, “[...] na África, cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima.” (Bâ, 2004, p. 8-9). Se na África eles têm essa educação de que o corpo é um lugar de memória, de palavras e escritas, na comunidade afrobrasileira seguimos os costumes dos nossos ancestrais, mantendo os *arquivos vivos* em nossos territórios.

Eu sei das raízes que calçam meus pés, da terra firme que encontrou meu chão, da voz mansa que fala aos meus ouvidos, Maria e Antônia são heranças do território, que na transmissão de suas sabedorias vitais, entre os cantos, os corpos, a dança, os relatos, escrevem

comigo essa dramaturgia identitária e quilombola, com a força de suas memórias que são revelas a cada toque, olhar, abraço.

Nós território, em um movimento de circularidade, trazemos com e sem voz as afro sonoridades do quilombo, um percurso traçado em sons da nossa gente, desde os processos como a feitura do cofo, como os movimentos das palhas conversam, elemento este trazido na dramaturgia, até os ruídos na roça durante a produção da plantação e colheita da mandioca. Nas minhas andanças dentro da casa-território, essas afro sonoridades estão o tempo todo comigo, além de apontadas pelas minha tia avó Antônia Viola em nossas conversas, elas criam a atmosfera no nosso viver, trazê-las para dentro desta criação é propor uma conexão maior para quem ler e assistir este espetáculo.

A voz é manifestação da oralidade, é instrumento de preservação das memórias; e como guardadora de reminiscências, a voz preserva e renova em sua constituição as heranças psicoemocionais, culturais, ideológicas, espirituais e ancestrais do indivíduo. (Barbosa, 2021, p. 228).

A oralidade é um lugar maior em nós, ela nos forma e nos possibilita o viver da coletividade construído antes de nós. Não existia nós sem voz, sem fala, mesmo com a tentativa de nos calar e não existirá nossa luta sem a vitória em compartilhá-la. A oralidade, a voz, a fala, foi a maneira encontrada para permanecermos vivos, mesmo depois de nos *ancestralizarmos*.

Aprendemos a deixar e preservar toda a forma de ser e viver da nossa gente, a oralidade é um caminho e o caminho está aberto, sendo resguardado e cuidado, como a escrita dessa dramaturgia com todas essas características evidenciadas e aqui apresentadas, trazendo esse tempo-espço do quilombo, a visualidade ancestral e o corpo-memória de minhas mais velhas como mediação de todo esse costurar de relatos e histórias.

O ato de contar, de rememorar faz com que esta terra perdida se constitua em um território virtual, de imaginação, ou ilusão, permitindo sua atualização e cada ato de contar e descrever. A nostalgia é uma experiência humana que permite lidar com o que se perdeu de maneira irremediável no campo da realidade, sem a inexorabilidade da destruição da lembrança. A terra perdida é reconstruída pelos conteúdos da memória, situando-se no território da interpretação; naquilo que transcende o sujeito. (Castro, 2005, p. 2).

Helena foi terra perdida, mas as lembranças me trouxeram até ela. O território foi reconstituído pelas memórias, eu pude me reconhecer em seus traços, na sua voz. Helena Castro, era minha tataravó, mãe de Maria e Antônia, me foi apresentada por uma história contada por vó Maria, que ao descreve-la com alguns poucos detalhes de cor, corpo, cabelo, pele, jeito, me fez fechar os olhos e imaginá-la. Eu queria poder ter conhecido ela, ao ouvir

sobre seu jeito de ser, se portar, suas peripécias na comunidade, a forma de educar suas filhas e filhos, fiquei rindo abobalhado, tentando imagina e pensar como Vovó Helena era. No meu imaginar, Maria e Antônio são, com toda certeza, um pouco de quem era vovó Helena, mesmo tendo escutado poucas histórias, eu consigo sentir de alguma forma esse cruzamento de identidade, não apenas por serem mãe e filhas, mas porque pela escuta, conexões, e o sentir, me levam para este mesmo caminho.

Helena é transição dentro da narrativa dramatúrgica em processo, afinal, é um grande elo em toda a história. Helena, além de preta, quilombola, foi mãe, daquelas severas que tinha sua forma peculiar de educar, segundo o que ouvi sendo narrado por tia Sula. Trazer ela para protagonizar essa dramaturgia, é não só reconstruir a sua imagem a partir de sua memória que pulsa em nós, mas senti-la a partir de minhas avós, do território e em mim.

Maria e Antônio eram filhas de Helena, uma mulher alta, de quadril largo, cabelo crespo, olhar sereno e sorriso bonito. Ela era mais conhecida como *fonte pelada*, isso porque ela gostava de fazer umas tranças corridas bem *organizadinhas* no seu cabelo, com a frequência dessas tranças e o passar do tempo, no início da sua fonte foi ficando sem cabelo. Mas não tinha uma vez que não se via mamãe Helena e ela não estava com o cabelo trançado. (Dramaturgia *Violas*, em processo, 2023, não paginado)⁶.

⁶ Fala da **Atriz um**, da Dramaturgia *Violas* de Cadu Marques, que está em processo de construção desde 2022.

Imagem 6 - Certidão de óbito de Helena Castro

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

12566931/0001-30
Cartório do Oficial Único

ESTADO DO MARANHÃO

Av. José Saldanha, 447
Therésina de Jesus Muniz Ribeiro
Título

CEP 65016

Santa Rita

CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL de Santa Rita

MARCA DE Resende

O OFICIAL

861

CERTIFICO que às folhas 03 v do livro nº 03 de REGISTRO

DE ÓBITOS foi lavrado o assentamento de Helena Castro

falecido aos 27 dias de julho de 1996

às 05:00 horas, em Pedreiras, deste termo

de sexo Feminina, cor preta, profissão Ruralista Aposentada

natural de desta cidade, estado civil solteira c/ 88 anos de idade

de Pedreiras, deste termo, filho de José Augusto

de Castro e de Benedita Augusta

de Castro

Foi declarada a Sra. Benedita Augusta Muniz dos Santos, sendo

o Assentado do Óbito firmado pelo Sr. Raimundo José Sousa

Sena, que de 44 como causa da

morte AVC, Cardiopatia, Parada Cardíaca

foi feito no cemitério de Santa Vitória, deste termo

Observações:

O referido é verdade e dou fé.

12566931/0001-30 Santa Rita - MA, 08 de agosto de 1996

Cartório do Oficial Único

Av. José Saldanha, 447

Therésina de Jesus Muniz Ribeiro

Título

CEP 65016

Santa Rita

MA

Maria Chaves Muniz Ribeiro

OFICIAL

Sec. de Reg. Civil

CIC nº 20424/1996-16

Fonte: o autor, 1996.

Helena Castro faleceu um ano antes do meu nascimento, dia 27 de julho de 1996. Apesar do não contato, sinto ela viva através da voz de vó Maria Viola, sinto ela viva através do jeito espontâneo de *didinha* Antônia, sinto ela viva pela força pujante do nosso território. E é essa vida que quero levar a trazendo para este processo e podendo escrever também sobre a beleza dos seus sentimentos e sua grandiosidade a partir daquilo que me foi contado.

É corpo dançante. Antônia Viola, mãe de muitos, vó de vários. É sorriso grande que contagia. É história e memória do nosso povo. Carrega no seu peito, uma vida longa no tamanho e grande nas palavras. É sentimento que se expressa, com um carinho que aperta⁷.

⁷ Narração e texto do filme “a nossa festa já vai começar”, de Cadu Marques.

A sabedoria desse corpo é biblioteca viva, que escreve as palavras em sua pele eternizando suas histórias, com os detalhes grifados em negrito nas memórias do tempo. Antônia Viola é contadora de histórias, das suas histórias e do seu povo, sabe como ninguém sobre os caminhos e acontecimentos que fazem a trajetória de Centro dos Violas. Não só por ouvir, mas também por viver e experienciar parte do enredo dessa narrativa.

Imagem 7 - Fotografia Still do filme “a nossa festa já vai começar”



Fonte: o autor, 2022.

Tive a oportunidade de levar *dindinha* Antônia para o centro da nossa comunidade⁸, espaço onde ela foi criada e viveu sua infância, adolescência e grande parte da sua juventude. Lá, pude ouvi-la melhor, sentir os gestos ao partilhar as histórias com atenção em trazer os detalhes do que um dia viveu ali.

O olhar atento as mangueiras que permeiam o espaço, como se estivesse resgatando as memórias e revivendo-as ao contá-las. “Ah, eu sinto saudade, saudade mesmo do meu território, daquele ar tão gostoso, daquele movimento, aquele bando de gente, de criança, aqui ainda teve

⁸ Espaço onde tiveram os primeiros moradores da comunidade, conhecido como Centro dos Violas, sendo o local primeiro do nosso território. Hoje, além do Centro que não é habitado, temos Pedreiras, que também faz parte de Centro dos Violas, onde mora a população dessa comunidade, tendo em vista que fica mais próximo da BR, facilitando o acesso a sede do município de Santa Rita (MA).

muito menino.⁹” E essa saudade que ela compartilha é vista em sua fala e no seu jeito de observar, a própria vontade dela e disposição em ir ao centro para esta conversa nos revela esse sentimento.

Saudade é sentimento presente dentro da dramaturgia em processo de escrita, tanto a partir da narrativa, dentro do contexto de alguns trechos da história contada pelas personagens, quanto pela intermedialidade¹⁰ na cena, como possibilidade não só de usar do teatro como linguagem única para contar e expressar essa história, mas também o audiovisual, o compreendendo como potência na estrutura deste texto, conseguindo assim, trazer cenas do documentário, levando o espectador a experimentar outras possibilidades dentro do evento estético.

[...] A memória das pessoas de minha geração, sobretudo a dos povos de tradição oral, que não podiam apoiar-se na escrita, é de uma fidelidade e de uma precisão prodigiosas. Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção, que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como em cera virgem. Tudo lá estava nos menores detalhes: o cenário, as palavras, os personagens e até suas roupas. [...] Para descrever uma cena, só preciso revivê-la. E se uma história me foi contada por alguém, minha memória não registrou somente seu conteúdo, mas toda a cena – a atitude do narrador, sua roupa, seus gestos, sua mímica e os ruídos do ambiente. [...] Por isso é muito difícil para um africano de minha geração ‘resumir’. O relato se faz em sua totalidade, ou não se faz. Nunca nos cansamos de ouvir mais uma vez, e mais outra a mesma história! Para nós, a repetição não é um defeito (Bâ, 2003, p. 13-14).

A nossa descendência é de África, as nossas tradições, culturas e costumes estão associados e conectados entre suas diversidades. E nesse contexto imagético trazido entre detalhes, informações, cores, sons, vestimentas, minha imaginação passeia por essas nuances, realizando todas as associações possíveis quando ouço histórias contadas por Vó Maria e *didinha* Antônia.

Me chama atenção, inclusive, o cuidado que as nossas mais velhas e mais velhos possuem durante conversas e diálogos onde essas histórias do território é pautada, há uma precisão nas falas, uma atenção desmedida em tudo que é falado, nos nomes que são apresentados, no suceder dos fatos, o que leva a concluir a transcendência da oralidade dentro de territórios tradicionais e originários, por se tornar nossa principal forma de guardar e manter viva nossas histórias, memórias, tradições e culturas.

⁹ Entrevista realizada durante a gravação do filme “a nossa festa já vai começar”. [07/2022]. Entrevistador: Cadu Marques e Pablo Monteiro. Santa Rita, 2022, arquivo mp4 (120 min.)

¹⁰ De uma maneira geral, é o estudo da relação entre as artes com as mídias.

3 REMANDO CONTRA A MARÉ: NAS ONDAS DO CORPO TAMBÉM TÊM ESCRITAS

Imagem 8 - Apresentação de “Violas” no Centro Cultural Vale Maranhão



Fonte: o autor, 2023.

O corpo é tronco de árvore carregado de informações. Há nele um leque de práticas atrelado às experiências que só ele é capaz de dizer. O corpo fala e diz muito, as palavras em si não teriam sentido algum se o corpo não falasse, ele interpreta com gestos, olhares, toques, aquilo que sai na fala, ele ler minuciosamente as palavras que saltam da boca e as acompanha, afinal, o corpo também é escrita.

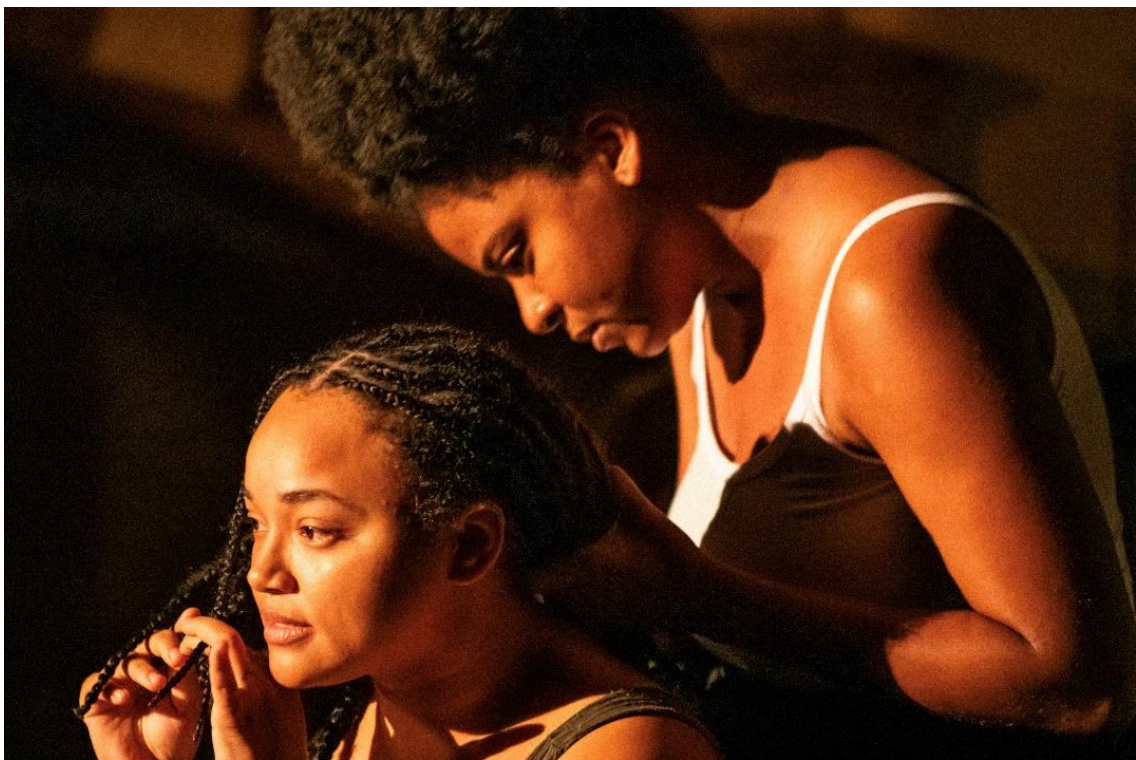
No Congo, em uma das línguas bantu, os verbos escrever e dançar são derivados, que propõe possibilidades de sentidos em movimento, nos fazendo perceber esse corpo que dança também escreve, compõe narrativas reais e contundentes pelas estradas que percorre. Aqui o corpo não é inerte, é vivido, atencioso, percebido. Há uma dimensão enorme ao se discutir o corpo nas suas mais variadas formas e relevâncias no lugar das memórias, histórias e vivências que um dia já o percorreram. Entre essa dimensão, o corpo aqui para mim, são as escritas que formam as marcas e os rastros que estão intrínsecas no tronco.

Pensar a audácia e o poder que atravessa os nossos corpos dentre tantas escritas que os compõem, é sentir a escrevivência gritando em cada músculo pertencente ao tronco. *Violas* quer

trazer esse corpo variante, que se confunde com aquele das personagens referencias para esta dramaturgia, entre as memórias expostas, compartilhadas, sentidas, mas também com as vivências e experiências dos corpos das atrizes que as irão interpretar. Esse confundir parte também do entendimento do que é atriz em cena e as memórias do seu corpo para o que é personagem também com as memórias do seu corpo, porém conectando as histórias a esses corpos atrizes e a essas vozes mulheres.

Entre as proposições e anotações para a dramaturgia, tenho me guiado também por cenas rituais, onde o corpo e suas bifurcações de memórias são grandes, aqui buscando esse olhar da tradição e das culturas dentro do território quilombola, como é presente e gigante, utilizar essa possibilidade também converge em um outro olhar e percepção do todo. Além do que a voz aqui não é só palavra e texto, mas canto, juntando estes dois e buscando essas melodias que também embalam o corpo na narrativa e emoção que compõe a história contada.

Imagem 9 - Apresentação de “Violas” no Centro Cultural Vale Maranhão



Fonte: o autor, 2023.

O corpo é memória, é conhecimento, Martins (2003, p. 66) nos afirma: “[...] nesse sentido, o que no corpo se repete não se repete apenas como hábito, mas como técnica e procedimento de inscrição, recriação, transmissão e revisão da memória do conhecimento.” O corpo é pujante, ele é capaz de se desassociar para reconectar, se reconhecendo na série de

gestos, movimentos e bailados que em suas sutilezas despertam as memórias e os fundamentos que um dia o formaram e o habitam.

A dramaturgia é corpo e corpo é dramaturgia. Nesse movimento que é circular, eu tenho compreendido como se encontram e conversam, porque as memórias que se escrevem no corpo tem sido também minha percepção neste processo, tenho escrito esse texto dramático não só pelo que ouço, mas também pelo que sinto e vejo no corpo das senhoras mulheres. Eles confabulam o que é trazido e partilhado, reagem, se movem e narram as linhas escritas em sua estrutura.

Os corpos quilombolas em Centro dos Violas têm me dito os fios condutores desta criação, eu ouço e ouço com atenção, mas eu vejo as reações, as expressões, eu enxergo os corpos na comunidade também falando, e tenho utilizado dessas falas na minha escrita, afinal essas espontaneidades, as dores seculares que marcam as estruturas do trabalho braçal na roça, a forma de caminhar entendendo como se pisa e sente o chão, também propõe pensar nestes processos outros de entender o corpo, de senti-lo e ouvi-lo, e é esse lugar que tenho permitido me atravessar, por compreender essas camadas também como picos de referências dessas memórias do corpo, que tem contribuído plenamente na minha construção dramática.

Essa percepção do protagonismo do corpo neste processo, parte também da minha inquietação com uma dor hereditária, que as mulheres da minha possuem no joelho. A minha mãe tem essa dor, a minha vó, a minha bisavó, as minhas tias, as minhas tias avós, todas possuem a mesma dor, por vezes inchaço, óbvio que em graus diferentes, mas possuem. Se esse corpo também fraturado não comunica, eu não estou sabendo discernir. Essa carcaça-corpo-tronco, é uma raiz de mangueira forte que se finca no centro do nosso território, lá foi onde nos firmamos, lá é onde permanecemos, além de gente, somos árvores. Somos mangueiras do meio de Centro dos Violas e eu tenho ouvido o que o território comunica de todos os lados e direções, o movimento é circular.

4 CONCLUSÃO

A trajetória narrada ao longo deste processo de pesquisa é um mergulho profundo no conceito de ancestralidade, onde as memórias se encontram para construir e ressignificar histórias e identidades. A minha busca por entender o próprio lugar no mundo – "de onde eu venho, quem me antecede, de onde vieram" – revela o meu desejo de reconexão com as raízes que não apenas me sustentam, mas toda a minha comunidade. É nesse movimento de revisitar o passado e ouvir as vozes de vó Maria Viola, Didinha Antônia e outras figuras ancestrais do meu quilombo, que a narrativa assume um papel central.

A ancestralidade, nesse contexto, vai além da linhagem biológica: é o tecido que conecta vidas, memórias, histórias e territórios. Trata-se de um fluxo contínuo, em que o passado reverbera no presente por meio da oralidade, da memória corporal e das práticas culturais que se tornam patrimônio vivo. A narração das histórias, ao mesmo tempo que preserva a memória, atualiza-a, pois, ao ser compartilhada, ela se transforma, dialogando com o tempo presente e fortalecendo os meus laços de pertencimento e identidade.

Violas, dramaturgia em construção, não é apenas um documento para relatar histórias; é uma escrita quilombola, identitária, e, sobretudo, um ato de resistência e perpetuação da minha ancestralidade. A escrita aqui se revela como um gesto político, uma ferramenta de registro e luta, que garante que as histórias, as vivências e os afetos do quilombo Centro dos Violas não sejam esquecidos ou apagados pelo tempo, que através do teatro e da oralidade, são lembrados e reescritos. Essa narratividade não só ouve as vozes das mulheres que moldaram o território, mas também insere suas histórias no corpo das atrizes que as representam, recriando-as em um processo dinâmico de troca entre o passado e o presente.

Como afirmei durante este escrito, o corpo é memória, é conhecimento, e ao investigar o corpo como território de inscrição das memórias quilombolas, a dramaturgia estabelece uma ponte concreta entre a ancestralidade, identidade e a narratividade. Esse processo afirma que as histórias de um povo não estão somente nas palavras ditas, mas também nos gestos, nos movimentos e na presença viva das pessoas que as contam e recontam, mantendo e preservando o legado do nosso povo.

Dessa forma, *Violas* não é apenas uma dramaturgia, mas uma celebração da força da ancestralidade e da narratividade que dão forma à vida no Centro dos Violas. É um convite para ouvir, sentir e reviver as histórias que nos precedem, compreendendo que nelas residem as raízes que sustentam e nutrem nossa identidade.

REFERÊNCIAS

A NOSSA festa já vai começar. Direção de Cadu Marques. Santa Rita: Bicho D'água Filme, 2023.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229, jan. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880/9106>. Acesso em: 11 jan. 2025.

ASANTE, Molefi Kete. **Afrocentricidade**: a teoria de mudança social. Philadelphia: Afrocentricity Internacional, 2014.

ASSIS, Eliane Santos de. **A fundamental radicalização e racialização da questão social para um projeto profissional antirracista no serviço social**. 2022. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/30905>. Acesso em: 11 jan. 2025.

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel: o Menino Fula**. São Paulo: Palas Athena / Casa das Áfricas, 2003.

BÂ, Amadou Hampâté. Confrontações Culturais - entrevista concebida a Phelippe Decraene ao jornal Le Monde em 25 de outubro de 1981. In: **THOT Africa**. São Paulo: Palas Athena, n. 80, 2004.

BARBOSA, Fernanda Júlia. **Teatro preto de candomblé: uma construção ético-poética de encenação e atuação negras** / Fernanda Júlia Barbosa (Onisajé). Salvador, 2021.

CASTRO, Ricardo Vieiralves. O esquecimento social: ensaios sobre a contemporaneidade. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 111-122, 2005. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-451956>. Acesso em: 11. jan. 2025.

EVARISTO, Conceição. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

MARQUES, Cadu. **A Memória Como Tradição e as Invenções de Uma Vida**. São Paulo: Editora Lux, 2021.

MARTINS, Leda. Performance da Oralidade: corpo, lugar da memória. **Língua e Literatura: limites e fronteiras**, Santa Maria, v. 1, n. 26, p. 63 a 81, jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/issue/view/647>. Acesso em: 12 jan. 2025.

MUNANGA, Kabengele. Entrevista Aberta concedida a Julvan Moreira de Oliveira. São Paulo, 2008. In: OLIVEIRA, Julvan. **Africanidades e educação: ancestralidade, identidade e oralidade no pensamento de Kabengele Munanga**. 2009. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-20042010-153811/publico/JULVAN_MOREIRA_DE_OLIVEIRA.pdf. Acesso em: 9 jan. 2025.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos**. Alex Ratts (org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

PEIXOTO, Fernando. **A dramaturgia como teoria**. São Paulo, 1983.

VIOLA, Antonia. **Entrevista I**. [Entrevista concedida a] Carlos Eduardo Marques e P. Monteiro. Santa Rita, 2022. 1 arquivo mp3 (120 min.).